



S. Paulo de Piratininga

NO
FIM DO SECULO XVI

O anno nefasto de 1562 da rebelião das tribus confederadas estava já apagado da memoria dos habitantes de Piratininga, e todavia não se gozava ainda, dentro dos muros da villa de S. Paulo, nem nos campos vizinhos, de tranquillidade ou dessa segurança inteira que é o corollario legitimo de uma victoria assignalada.

O povoamento do territorio fazia-se devagar e cautelosamente por entre peripecias, sustos e pezares.

A noticia do apparecimento de alguma tribu desconhecida, o furto frequente do gado nas fazendas, o assassinato de um conhecido ou parente nas raias do sertão ainda tão proximas, o destroço de uma bandeira cujos restos não tornavam eram para essa sociedade, como que encurralada num campo de guerra, o alarma da concentração, um aviso da prudencia, um argumento invencivel a favor das medidas de protecção instantemente solicitadas pelo senado da camara e pelo povo contra os ataques dos selvagens.

Com os recursos próprios, aliás poucos, Piratininga fortificara-se restaurando as suas estacadas de guerra; fortificavam-se ou protegiam-se os pontos considerados estrategicos do lado dos sertões. E comtudo não era lá muito amplo o horizonte das conquistas realizadas em meio seculo.

Abrangia-se num raio de pouco mais de cinco leguas tudo o que a civilisação, pelo braço dos portu-guezes, tinha até então conseguido em povoamento, lavouras e culturas nos campos de serra acima.

Não condizia o resultado com os esforços expen-didos; mas varias causas explicam o apparente insuc-cesso desta sociedade em embryão. O verdadeiro ele-mento de expansão e de conquista não se formára ainda. O natural do paiz, o futuro bandeirante que-dava-se modesto no seu pequeno numero sopitando a sua audacia ingenita num meio que elle ainda não podia dominar.

Os padres da companhia de Jesus já não gozavam daquella incontestavel ascendencia, daquella universal estima dos primeiros annos da fundação da colonia.

Por causa delles, ou antes, por amor delles a pe-queña sociedade se repartira já em dois campos. A au-ctoridade do governo, exercida de longe, era tibia; a sua acção incerta, intermittente e as mais das vezes inefficaz. As populações iam-se habituando a não contar com ella. O capitão-mór, loco-tenente do donatario, re-sidia em S. Vicente.

Da Bahia, tão distante, inacessivel por terra e com difficuldade communicando-se por mar, exercia-se a go-vernación suprema.

Isto explica o pouco desenvolvimento de Pirati-ninga e seus contornos.

Não havia no âmbito da villa, então limitada pelos largos de S. Bento e do Theatro, senão 190 fogos permanentes, ou cerca de 1.500 almas ao todo.

O arruamento de então quasi não differia do de hoje, senão em pequenos e insignificantes detalhes.

As construcções regulares e de melhor apparencia não avultavam. O commum das habitações era feito ao modo dos indios. Crescia o collegio dos padres, reformando os seus muros, reedificando ou retocando a sua egreja.

A matriz, começada em 1589 com os donativos dos moradores, não estava concluida. O edificio do Senado da Camara, no logar que depois se chamou *páteo de S. Francisco*, era um predio de propriedade particular, coberto de palha, que já uma vez desabára, e que alguns ricos homens tomaram a seu cargo reconstruir.

Dessa pequena povoação, a cavalleiro sobre a lombada entre as ribeiras de *Piratininga* e de *Anhangabahu*, saiam em varias direcções os caminhos e estradas, cruzando os campos em demanda das aldêas dos indios submettidos ou das lavouras de fazendeiros abastados.

Do pateo do Collegio partia na direcção do sul o *caminho velho do mar* pela actual rua do Carmo, descendo para a varzea, contornando-a nas proximidades da vivenda de Bartholomeu Carrasco, e antes de se perder no horizonte para os lados da *Borda do Campo*, onde existiu *Santo André*, passava por um grupo de moradores juncto da ribeira de Ypiranga, onde estivera outr'ora a ermida de Nossa Senhora da Luz, que depois se mudou para o *Guarêpe*.

Ao longo desse caminho possuia Braz Cubas umas datas de terra que em parte cêdera aos religiosos do

Carmo, em 1594, para fundarem o seu convento. Para adiante, começando em Bartholomeu Carrasco, ficavam as terras que o padre Luiz de Grã, da Companhia de Jesus, obtivera de Francisco de Moraes, representante do donatario, como uma sesmaria de duas leguas, as quaes, entretanto, lhe não foram ahi demarcadas por prejudicial ao bem publico.

Do pateo da matriz, encaminhando-se para o alto da collina, saia a *rua de Manoel Paes* que levava ao campo da forza e mais além até a bella matta do Caaquassú abundante em madeiras reaes.

Ao lado dessa rua e parallelamente a ella, na lombada para além de Anhangabahu, seguia o então *caminho novo do mar*, cruzando no alto a matta do Caaquassú e descambando para as varzeas do rio Geribatiba, procurava a aldêa de Ibirapuera, fundada por Anchieta a tres leguas distante.

Ao longo desse caminho ficaram então demarcadas as duas leguas da sesmaria do padre Luiz de Grã, quasi toda em campo e em varzea.

A actual rua Direita, então conhecida por Santo Antonio, por causa da ermida ou capella dessa invocação que lhe ficava á margem, descia a encosta da montanha para o lado do Piques e galgando o campo e as mattas em direcção á aldêa de Pinheiros, já a esse tempo, era o principal caminho do sertão e a estrada real para as lavouras que se iam estabelecendo á margem do Tieté.

Datava de época immemorial este caminho, o primeiro provavelmente que trilharam as tribus profugas do valle do Paraguay, encaminhando-se para o littoral atlantico. Elle representa na historia do segundo seculo da conquista essa via-sclerada, ainda que gloriosa, por onde se consummou a destruição de Guayrá, e a ex-

pansão do dominio portuguez em detrimento do poder de Castella no valle do Paraná.

Possuia, com effeito, o gentio as suas vias de comunicação, rudimentares todas mas nem por isso menos extensas e verdadeiras; algumas, como esse caminho do sertão, tinham o character de estrada nacional para a raça guarany.

Do Paraguay ao littoral atlantico era a região intermedia em parte occupada por povos da nação Guarany e em parte por povos ainda mais barbaros inimigos daquelles. Seguia pelos campos ao norte do Iguassú o caminho que ligava as tribus da mesma nação Guarany no littoral e no interior. Esse caminho partindo das margens do Paraná, vinha ter ás cabeceiras do Tibagy e ahi se dividia. Um galho buscava o sul, passando pelos campos de Curitiba em direcção aos *Carijós dos Patos* em Santa Catharina; outro entranhava-se nas Mattas do Assunguy e ia ter a Cananéa; e outro ainda tomava para Nordeste pelos campos que levavam á Piratininga.

Trilhando o caminho de Cananéa, engolphou-se nos sertões em 1531 a expedição de Pero Lobo, guiada por Francisco de Chaves, até perecer trucidada nas margens do Paraná. Pelo caminho dos Carijós dos Patos subiu com a sua numerosa expedição D. Alvaro Nunes Cabeça de Vacca, em demanda de Assumpção, no anno de 1540.

Pelo caminho de Piratininga, o padre Manoel da Nobrega recebia emissarios do Paraguay; os primeiros habitantes de Santo André communicavam-se com as tribus amigas dos sertões do sul, e o allemão Schmidel, companheiro de Irala, abandonava Assumpção e vinha por Santo André embarcar-se em S. Vicente, no seu

regresso para a Europa, annos antes da fundação de S. Paulo.

Por esse caminho, logo ao sair da villa, atravessava-se o sitio denominado do *Capão*, propriedade de Fernão Dias, o velho, e que depois foi de Pedro Taques, comprehendendo grande parte da matta do Caaguassú, onde é hoje *Bella Cintra*, e as terras de Pinheiros onde o mesmo Fernão Dias aldeiou com o concurso de Anchieta os Guayanás transferidos do Ypiranga, com outros que conseguiu descer dos sertões.

Proseguindo pela mesma estrada, depois de transpôr o Geribatiba, entrava-se em terras do Bututan, de Affonso Sardinha, as quaes por um lado desciam até o Tieté e por outro vizinhavam com as terras de Carapicuhya da sesmaria dos indios concedida por Jeronymo Leitão em 1580. Para além de Carapicuhya, a estrada approximava-se então do Tieté, fraldeava a serra mateada de Itaquy, onde já se faziam importantes lavouras, e entrava em Parnahyba, cuja povoação havia pouco André Fernandes iniciára. Para adiante de Parnahyba começava o sertão, apenas de quando em vez devassado pelas bandeiras de guerra, e onde ninguem ousára ainda assentar lavoura permanente.

Da mesma estrada, que vimos descrevendo, antes de descer para Pinheiros, partia um galho, que é a conhecida estrada do Araçá, percorrendo o alto do espigão, e dividindo os campos do *Pacaembú* e do *Mandihy*, propriedade dos Jesuitas, das terras do sitio de *Emboaçava* que então era de Affonso Sardinha, o velho. Esse caminho foi o começo da estrada geral que se chamou de *Jundiahhy*, porque, transpondo o Tieté e galgando a serra do *Juá* entre o *Jaraguá* e a *Cantareira*, com terras de lavoura então possuidas por membros das familias

Pires e Buenos, alcançava o sertão de *Jundiahy*, nesse tempo apenas habitado por criminosos e homisiados.

Saindo-se da villa pela rua de Martim Affonso, descia-se primeiro á grotta do Anhangabahú, e caminhando ao norte, atravessava-se o sitio do *Guarepe*, para onde se transferira a ermida de Nossa Senhora da Luz e ia-se ter ao *porto* no rio Tieté, que então ficava para cima da Ponte Grande, proxivamente no local em que antes fazia sua barra o ribeiro Tamanduatehy.

De ordinario, quem naquelles tempos, procurava o *porto*, preferia tomar uma canôa no Tamanduatehy, no sitio que então era o *porto geral* da povoação e para o qual se descia por uma viella empinada, que ainda hoje guarda a denominação antiga. O ribeiro, correndo mais chegado á montanha, coleando-a depois livremente na varzea alagadiça, não tinha ainda perdido a boa profundidade que as successivas obras de rectificação depois lhe tiraram. Navegava-se bem pelo Tamanduatehy. E por elle não só se podia alcançar a Borda do Campo, como descer ao Tieté, ao *porto*, e dahi rio acima ou rio abaixo ganhar as aldeias ou as fazendas quasi todas accessiveis por agua.

Nesses tempos os rios eram estradas de um valor inestimavel. Elles demandavam o menor esforço para os grandes transportes, eram estradas seguras para as investidas nos sertões, offerecendo sempre defeza contra os ataques subitos dos selvagens, e proporcionando alimento inexgottavel com o peixe e com a caça sempre abundantes. Embarcados na sua canôa, o padre, o negociante, o fazendeiro, o simples homem do povo podiam attingir qualquer ponto dentro da zona povoada em torno de Piratininga. Navegando rio acima, alcançavam a Conceição dos *Guarús* o Maqueribú onde depois se estabelecera João Pires, *S. Miguel* e *Taquaquí*.

cétuba, onde mais tarde o padre João Alvares aldeiou alguns índios Guayanás, e attingia-se o sitio de *Boigy* da sesmaria de Braz Cubas, no logar em que alguns moradores tinham já iniciado uma pequena povoação que foi a origem da actual cidade de Mogy das Cruzes.

Descendo o rio para baixo de S. Paulo, tocava-se primeiro no sitio de *Nossa Senhora da Esperança* com um aldeamento fundado por Manoel Preto, e que veiu a ser depois a capella e povoação de *Nossa Senhora da Espectação do O'*; deixava-se pouco mais abaixo, á esquerda, o sitio de *Emboaçava*, de Affonso Sardinha, e podia-se ir até as primeiras lavouras de Parnahyba se se não preferisse desembarcar no porto de Carapicuhya, ou entrar pelo Geribatiba para ir visitar Pinheiros e mais além *Ibirapuera* no mesmo sitio em que ora está Santo Amaro.

Taes eram os acanhados limites do territorio occupado pelos portuguezes nos Campos de Piratininga ao findar o seculo XVI.

Comtudo, a occupação do territorio se ia effectuando regular e paulatinamente para baixo de Parnahyba, onde André Fernandes, com a enorme sesmaria de sua propriedade, fazia innumeradas e largas doações. Para esses lados foram-se estabelecendo então os homens da maior importancia da colonia, como Antonio Bicudo Carneiro, que fôra ouvidor em S. Vicente, Antonio Pedroso de Barros, fidalgo que logrou possuir extensas culturas, grande escravaria e foi dos mais abastados fazendeiros do seu tempo. Bartholomeu Bueno da Ribeira ahi se estabelecia tambem. Diogo Ordonhes de Lara, fidalgo castelhano, ligava-se ás mais importantes familias do logar. Bartholomeu Quadros afazendava-se para os lados da Cotia.

Como se vê, a não serem os homisiados e foragidos, a população pouco se espalhava, com receio de perder o apoio e protecção da villa. Dominava um regimen de concentração. Estava-se em Piratininga como nessas antigas colonias militares dos Romanos, assentadas á margem do Danubio para conterem as incursões dos barbaros. A villa mesma era como um campo de guerra, protegida pelo relevo topographico do logar, onde eram fossos naturaes os sulcos profundos dos ribeiros que a cingiam.

A sua guarnição de milicianos era exactamente como a das colonias militares, mas sem commandante certo. Era costume eleger-se o *capitão da gente de guerra*, conforme as circumstancias e a natureza da expedição que lhe era commettida. Ás vezes recaia essa eleição na pessoa de um sertanista consummado, como o velho João Ramalho, ou como o destemido Affonso Sardinha, mas o commando durava apenas o tempo da expedição, ou enquanto se conservava a população em pé de guerra.

Cessada a causa, o capitão depunha o commando e voltava prasenteiro aos seus misteres de lavrador. Os capitães-móres, loco-tenentes do donatario, a quem de direito devia caber o commando, raramente o exerciam, pondo-se á frente do povo em armas para vingar uma injuria do barbaro pertinaz e audacioso. Repugnava-lhes essa espinhosa e arriscada missão de guerra. Preferiam o exercicio pacato do cargo de governador aos cruentos tropheus das victorias mais ou menos brilhantes que lhes podia trazer o effectivo exercicio do outro cargo.

Jeronymo Leitão, que exercera por cerca de dezete annos as funcções de capitão-mór e governador,

e a quem instantemente requeriam os officiaes da Camara de S. Paulo para que fizesse a guerra aos indios, só se decidiu a emprehendel-a em pessoa deante dos protestos e da ameaça de accusação ao Governador Geral se a não fizesse logo.

E, todavia, Leitão não deve passar á historia com o labéo de governador remisso e descuidoso capitão.

Elle tinha, qual novo *Cunctator*, a habilidade de ganhar tempo, contendo com geito as exigencias inconsideradas, e moderando as impaciencias interesseiras.

Conhecia bem o seu povo, e como pensava consoante ao modo de vêr dos jesuitas, lobrigava por detraz da mascara dessas guerras de desforras a desfreada ambição dos lavradores e potentados em augmentar a sua escravaria india dizimada pela peste.

Nas fazendas estava-se tambem como num campo de guerra. Os ricos homens usavam proteger as suas vivendas e solares por meio de duplas e poderosas estacadas, á moda do gentio, guarnecidas pelos famulos, os apaniguados e indios escravos, e servindo de refugio até para os vizinhos quando de subito acosados pelos barbaros.

Assim, a necessidade de manter numerosa escravaria ou grande sequito de gentio amigo, não se explicava tão sómente pelas exigencias da lavoura, mas pela propria segurança e defesa do fazendeiro.

Por isso, era commum entre os potentados da época ter em suas terras, além dos seus escravos proprios, uma aldeia do gentio amigo para o eventual supprimento de braços para as suas lavouras e onde se recrutava de preferencia o melhor da sua gente para as *bandeiras de guerra*.

Fernão Dias, o velho, tinha nas suas terras do sitio do *Capão* a aldeia de Pinheiros habitada por Guayanás, Affonso Sardinha tinha aldeiado outros da mesma tribu em Carapicuhiba. Manoel Preto, pelo tempo adiante, chegou a reunir no seu sitio da Esperança mil indios de arco e flecha.

André Fernandes conseguiu reunir em torno de si, pelo tracto ameno, uma numerosa *bugrada* em Parnahyba. O mesmo fizeram Antonio Pedroso de Barros e Balthazar Fernandes.

Vê-se bem que se guardavam ainda mui vivas as tradições medievas. A fazenda era então como um solar da Edade Média com os seus ricos homens, os seus guardas, vassallos, escravos ou simples servos. A differença unica estava na fórma ou no exterior, as funções, porém, eram as mesmas na essencia.

Comtudo, nessas aldêas, o trabalho voluntario do indio era escasso, incerto ou quasi nullo. O lavrador vizinho ahi encontrava, porém, recursos de braços para fazer os seus mantimentos. Obtida a licença do capitão-mór, o lavrador apresentava-se nas aldêas, tractava com os maiores, ajustava os serviços e voltava quasi sempre com o sufficiente para completar o eito nas roçarias.

Depressa, porém, as aldeias despovoavam-se. Da leva dos contractados poucos tornavam a seus lares. Uns deixavam-se ficar onde os prendia a fortuna ou o bom tracto. Outros dispersavam-se nos sertões, desertando das *bandeiras* em que se engajavam. Outros pereciam dizimados pela peste, e os poucos que tornavam traziam mais vicios do que quando descera dos seus sertões attrahidos pela palavra do missionario.

Cedo as aldeias se converteram em refugio do que o gentio manso tinha de peor e de mais geralmente

desprezado. Dahi tambem o pouco apreço ou nenhuma protecção que depois tiveram do povo e das auctoridades.

Neste fim do seculo XVI, em que as *bandeiras* apenas começam, o indio era comtudo um elemento inestimavel na conquista dos sertões. Elle representava invariavelmente o numero, a habilidade, a agudeza, a orientação, o segredo, o successo emfim nessas emprezas arrojadas. Era sobrio, nada exigente, agil, sadio quando em liberdade, descobrindo recursos onde ninguém jámais o suspeitava, desvendando mysterios e indicando o esconderijo dos outros indios seus contrarios.

Caçava-se assim o indio com o proprio indio.

A lei determinava que se não fizesse a guerra ao gentio sem prévia licença, para se bem pesar os motivos della. Mas se os capitães-móres tinham escrupulos e os jesuitas levantavam obstaculos quasi insuperaveis não faltavam recursos para intimidar os capitães-móres recalcitrantes, nem rebeldes para forçarem os padres ao silencio.

Era uma rematada loucura, dizia a turba interesseira, deixar perecer as lavouras por falta de braços só por escrupulos de romper pazes com bugres que nunca souberam o que é lealdade nem jámais distinguiram o justo do injusto. Demais, o indio submettido, reduzido a trabalhar e a conviver num meio christão, por via de regra, devia lucrar fazendo-se christão tambem.

Até a igreja lucraria com a guerra.

Tal era já o sentir da sociedade da época, onde bem se vê que o jesuita, poderoso ainda, já não era omnipotente.

Mas alvoroçavam-se todos apenas constava a licença para as empresas de guerra.

Quem tinha cabedades armava o seu bando, reunia parentes, amigos e dependentes e mettia hombros á empresa com a certeza dos lucros que previamente se repartiam. Quem não tinha posses associava-se com outros. Os proprios conventos tomavam parte na *bandeira* para augmentarem a sua escravaria.

Não havia homem pobre entre os *Buavas*, appellido dos portuguezes entre os indios de Piratininga, que não possuisse a sua *peça*, isto é, um moço ou moça do gentio para o servir e para lhe trabalhar nas lavouras ou nos serviços domesticos.

Legavam-se *peças do gentio* por heranças, faziam-se doações dellas, ás confrarias religiosas, aos santos e capellas.

Nos documentos desse tempo liam-se, entre outras deixas . . . *tantas peças do gentio da terra*, e a esses legados de escravos ou de simples servos se ajunctavam largos bens de raiz, plantações feitas, bens moveis, gado abundante.

Já era então coisa muito em voga buscar escravos em Africa. Por isso, nos documentos da época, se emprega a expressão *peça do gentio da terra* — para distinguir o escravo de raça americana do de procedencia de Africa.

Os fazendeiros faziam sacrificios empenhando-se por dividas para equiparem navios que iam ás feitorias portuguezas do Congo buscar negros que já na lavoura da colonia provavam melhor que o proprio indio, não só por ser este menos resistente nos labores agricolas como menos seguro, pois facilmente se escapava para entre os seus atravez dos sertões.

Cada qual fazia as suas contas para quando lhe chegasse o seu navio de Angola ou recebesse o seu quinhão no carregamento de africanos.

O testamento de 1592 com que falleceu Affonso Sardinha, o velho, é neste objecto um documento interessante.

Custava uma *peça* ou escravo dos do gentio da terra cerca de quatro mil réis ao principio, mas depois o preço desceu. Um *moço do Tupi*, como se lê no referido testamento, custava tres mil réis. As mulheres custavam ainda menos.

Não eram sadios esses escravos. A vida sedentaria nas lavouras fazia-lhes mal, morrendo grande numero de pleurizes, camaras de sangue, affecções catharraes e do *cobrello*, que se tornava terrivel e mui frequente entre elles.

O escravo africano, a que o gentio chamou *tapuyuna*, significando o estrangeiro ou inimigo negro, em opposição ao *tapuytinga*, applicado ao homem branco, passada a primeira época, propriamente de acclimação, era, ao contrario, uma *peça* de maior valia; possuia todas as qualidades que faltavam ao indio, e como estrangeiro que era na America, tornava-se o alliado natural do branco nas emergencias difficeis como tantas não faltaram.

Começou, portanto, a ser preferido o escravo africano. Mas essa preferencia, acaso aconselhada pelas especiaes condições da colonia, não lograva impôr-se totalmente á opinião pelas difficuldades da travessia do mar e pelas eventualidades do trafico que, de ordinario, absorviam os lucros da empreza. Por isso, o seculo que seguiu foi ainda uma longa, triste e lamentabilissima scena de horrores em que a victima immolada é a pobre raça da America, abatida e escravizada.

A população da colonia exhibia essa feição polychroma de tres raças differentes obrigadas a coexistirem no mesmo meio. Mas como cedo, bem cedo, começava o lento e intermino caldeamento dellas, o mixtiço surgiu logo como o caracteristico demographico da America Latina.

A Historia nos demostra depois como a expansão nas conquistas e o largo povoamento das solidões continentaes dependeram quasi que exclusivamente desse elemento novo.

Tinha, comtudo, o elemento europeu tomado algum impulso com o dominio hespanhol desde 1580. Os castelhanos e flamengos e allemães começam a estabelecer-se aqui. Os Ordonhez, Laras, Buenos, Ribeira ou Rivera, hespanhóes, vêm desde esse tempo, bem como os Lemes, Góes e depois os Taques eram de procedencia flamenga.

Constituia o elemento europeu, nessa sociedade quasi mediéval, a classe dos ricos homens, dos senhores, dos nobres, emfim, porque de facto não poucos o eram, possuindo cada qual a sua sesmaria, as suas longas posses territoriaes cujos incertos limites davam azo ás mais atrevidas ampliações. Sustentavam certo orgulho de nobreza, tinham mui zelada a sua honra de cavalleiros, ostentando forças e influencia a poder de cabedades, e mostrando tambem mui beata compostura para com a Egreja. Viajavam quasi sempre com um largo sequito porque timbravam em exhibir-se como possuidores de numerosa escravaria. Tinham liberalidades principescas e sobrancerias até para com o seu rei. Seculo depois essa altaneria, ainda não discrepa: «*Se nós viemos dar, porque havemos de pedir?*» Tal era como soiam responder aos principes, ainda mesmo

quando estes agradecidos e penhorados desejavam galardoar.

Não sei se já se explicou bem porque o gentio da colonia appellidou de *emboava* ou *boava* ao portuguez. O facto, bem que de si pouco importante, merece todavia ser tractado porque nos proporciona ensejo de voltar ao elemento indigena; e, pois, tentemos explicar o appellido barbaro.

No tupi, então em voga na colonia, os appellidos eram coisa mui frequente e de ordinario originados de habitos, defeitos ou vesos ridiculos do appellidado. Como todo o europeu recém-vindo, o portuguez para se proteger contra os reptis venenosos, que suppunha encontrar a cada passo na floresta, ou para se guardar dos accidentes dos caminhos mal curados, lamacentos e invadidos de espinhos, tinha por habito não largar as botas de couro, as largas perneiras que o uso depois tanto exaggerou. Para o indio, esse modo de *vestir-se* ou *cobrir-se*, chamou-se *mboave* ou por corruptela *boava*, que mais livremente se traduziria pelo *o homem das botas*, por assim se terem exhibido os primeiros portuguezes que o gentio conheceu.

O appellido *boava* depois generalizou-se, mas na colonia, isto é, em Piratininga elle não indicava senão o *portuguez*.

Raro era, comtudo, o individuo, fidalgo ou villão, que não tivesse o seu appellido ou alcunha a modo do gentio. Com essa ponta de critica que é tão commum aos barbaros como aos povos cultos, o indio ia-os applicando a seu 'bel-prazer, e não poucos desses appellidos passaram á Historia. Ao padre Leonardo Nunes chamou-lhe *Abarébebê*, o padre voador; a uma matrona illustre da familia dos Buenos da Ribeira, notavel pela sua corpulencia, *Mecia Assú*. Fernando de Carmargo

passou á posteridade com o appellido de *tigre* ou *jacuarê*. Bartholomeu Bueno da Silva, por ter um olho furado e ser um temivel caçador de indios, chamou-se o *Anhangoera*, isto é, o *diabo velho*.

Fallava-se o tupi até dentro da villa de Piratininga, não obstante a preponderancia que o elemento official garantia ao portuguez. No campo, porém, nas aldêas e nas lavouras o tupi foi por mais de seculo a lingua dominante.

Nesse periodo que descrevemos, o portuguez é a lingua da classe alta, a lingua de familia, como uma tradição de raça.

Fallava o commum do povo a lingua tupi ou um mixto de tupi e portuguez, como ainda hoje no Paraguay se observa com o guarany e o hespanhol.

Veio dahi ser ainda hoje a geographia paulista quasi toda tupi. Raro é o nome de localidade, rio, montanha, quer no littoral quer no interior que não seja um vocabulo indigena. Tirai da carta geographica de S. Paulo uns poucos nomes de velhas povoações designadas por Santos do Calendario—como S. Roque, S. Amaro, S. Bernardo, S. Caetano, S. Miguel e veréis que o que fica nada mais é do que um copioso vocabulario de nomes tupis, mais ou menos alterado pela corruptela secular, mas que bem exprimem quão largo e profundo foi o influxo da lingua americana entre as populações da colonia.

E nem só os nomes das localidades se tomaram do indigena. Uma infinidade de termos communissimos, não obstante os equivalentes portuguezes, perduram ainda hoje como residuos da lingua de outr'ora. Além dos nomes dos animaes e plantas que se conservaram do

tupi, não poucas são as vozes da mesma procedencia que já lograram entrar no Lexicon da lingua de Camões.

Os verbos *capir*, de *copire*, tirar o matto ou herva; *moquear* de *mocaen*, assar a fogo lento; *sapecar* de *sapac*, tostar, chamuscar; *cotucar*, de *cotuc*, tocar com o dedo; *embatucar*, de *apatocá*, atrapalhar-se; os verbos *popocar*, ou *pipocar*, *encoivarar*, *pererecar*, *encaiporar*; os nomes como *mondéo*, *arapuca*, *caicara*, *tapera*, *caipira*, *tabaréo*, *moqueca*, *giráo*, *tapisca*, *urupema*, *jacá*, *patuá*, *capueira*, *capão*, *peteca*, *pereba*, *catapora*, *pipoca*, *teteia*, *cauira*, *canôa*, *cuia*, *mingúo*, *pequira*, *tijuco*, *coivara*, *coroca*, *jururú*, *caipora* são todos de procedencia tupi.

Na linguagem do caipira paulista de hoje ainda mais abundantes são os residuos deixados pelo tupi. As phrases saem-lhe ainda inçadas de vocabulos barbaros numerosos.

Estou ahyva por *estou ruim* ou *doente*; *medroso como um jaguapeva*; *pastar na tiguera*, são expressões das mais vulgares. Os vocabulos *suan*, *pacuera*, *quirêra*, *soó*, *pary*, *sarambé* e outros que taes occorrem-lhe no fallar a cada instante. O sainete indigena ficou-lhe no sangue e na lingua.

Humillima era a condição do povo nesse periodo distante. Quem não era senhor ou proprietario era um servó mais ou menos disfarçado ou simples escravo.

Este, além do trabalho a que o obrigava a sua condição, tinha de cultivar a terra para tirar o seu proprio alimento.

Era o seu vestir como o seu viver, minguido e miserrimo.

Um escravo indio trazia por compostura quasi sempre uma simples tanga de algodão, se trabalhava na roça; mas, em entrando na villa vestia a sua camisa e calça talhada em fórma de ceroula e feita do

mesmo panno. As mulheres usavam um sacco de algodão grosseiro com tres aberturas, onde enfiavam a cabeça e os braços, atando-o á cintura por um cordel de fibra. Os filhos cresciam nús nas aldêas, á lei da natureza.

A classe abastada sustentava luxo a seu modo, como o permittiam nestes tempos os recursos de uma colonia distante e assentada no interior das terras com communicações por via de regra difficeis. Trajavam, comtudo, os cavalheiros com certa elegancia, faziam vir do Reino as suas capas, espadas, gibão e chapéus emplumados, como então se usava na côrte dos Filip- pes de Hespanha, a mais brilhante da Europa. Entravam pela villa calvalgando fogosos ginetes, e as damas, rodeadas de numeroso sequito de escravas, ostentavam na egrejas ricos estofos.

Fóra das occasiões solemnes, o capitão-mór, como o mais obscuro villão, trajava o grosseiro tecido do paiz e cobria-se com os largos chapéus de palha cedo introduzidos no commercio por importação das colonias hespanholas do Sul.

Nas refregas contra os indios, nas longas expedições agora tão raras, o melhor da gente de guerra, fardava-se de couro, trazendo uma especie de dalmatica que punha a coberto das settas dos selvagens. O chapéu, e as vezes um escudo, eram feitos do mesmo material. O terror das armas de fogo, entre os barbaros, era, porém, a melhor couraça do branco nessas luctas deseguaes que já se ensaiavam pelo fim do seculo.

Prosperavam a agricultura e a pecuária em torno de Piratininga. Os seus campos nutriam numeroso gado e as lavouras de mantimento davam para abastecer o littoral e para exportação. A mandioca, o feijão e o milho plantavam-se a modo dos indios de quem se

receberam os processos do amanho da terra. O assucar ficou como privilegio de quem tinha cabedaes e escravos para esse penoso genero de cultura. Todos os ricos proprietarios eram, nesse tempo, lavradores de canna e tinham o seu engenho.

Do trigo chegou-se a fazer em Piratininga extensas cearas. Salvador Pires, o Gago, dava avultada somma de alqueires de trigo ao dizimo. O pão consumido em S. Paulo era producto das lavouras do seu municipio. Era tambem a vinha bastante cultivada. Salvador de Medeiros, estabelecido no *Apiá*, ribeira de Santa Ignez, possuia dilatados vinhedos de que tirava abundante e excellente malvasia. Cultivavam-se ainda o arroz, o algodão e os legumes, e por isso Vasconcellos, referindo-se á capitania de S. Vicente, accrescenta que «toda ella é mui grande parte da fartura do Brasil» (1).

O commercio, apezar das difficuldades de transportes, prosperava na capitania.

O gado descia para o littoral para abastecer a marinha. A armada de Diogo Flôres Valdez vinha supprir-se em S. Vicente em 1582. As transacções com as colonias hespanholas do Rio da Prata começaram a avultar depois da união á corôa de Hespanha. O assucar, o algodão, as caixas de marmeladas, e até escravos eram artigos de commercio com Buenos-Ayres, de onde nos vinham tambem as pelles, a lan e as rendas.

Comtudo, esse commercio estava sendo profundamente golpeado. As luctas de Felipe II com Isabel de Inglaterra accarretavam-nos agora sérios revezes. A *invencivel armada*, destroçada pelas tempestades, deixara

(1) Vida do Padre Joseph de Anchieta, liv. III, 134.

aos inglezes o dominio dos mares e exposto ás suas depredações o commercio das colonias da America.

Em 1588 S. Vicente é assaltado uma primeira vez por Thomaz Cavendish, mas consegue repellir os assaltantes, infringindo-lhes sérias perdas. Em 1591 tornou Cavendish a novo assalto e desta vez consegue apoderar-se do porto de Santos e fazer larga presa na villa e nos engenhos dos arredores. Antonio Knivet transmite-nos, em suas narrativas, as peripecias dessa atrevida façanha.

Do lado dos sertões os revézes ameadavam-se. O gentio crescia em audacia e vinha já fazer incursões até nos campos vizinhos de Piratininga. Dos sertões do Sudoeste, para além das montanhas, que descambam para o lado do mar, surgiam arrogantes os *Carijós*, envolvidos em suas pelles mosqueadas de jaguar, e derramavam-se pelas planicies, levando a destruição e a morte até a aldeia de Pinheiros, cuja capella incendiaram em 1590.

Dizia-se então que contavam mais de duzentos mil arcos esses ferozes inimigos e a fama de tão grande força, sobressaltando os homens do campo e determinando uma precipitada concentração para dentro dos muros da villa, obrigára a camara em S. Paulo a mandar erguer reducto em *Emboaçava*, precedido de fortes tranqueiras e com a sua guarnição de indios mansos assentada á margem de pequeno ribeiro.

Fui um dia percorrer os campos onde outr'ora existiam as fortificações de *Emboaçava*, e não logrei sequer colher indicio do seu assento verdadeiro. No campo, por mais de dois seculos revolvido pelos *thermitas*, todo o vestigio dessa construcção de guerra tinha desaparecido. As construcções deste genero entre os

portuguezes não passavam de fosso e trincheira de ephemera duração,

Por isso, na memoria do homem do campo, que de continuo o atravessa no seu diario labutar, que alli mesmo tem a vivenda onde nascera e onde provavelmente nasceram seus paes tambem, nem mesmo a tradição do forte perdurou guardada no enredo de uma legenda antiga.

E o homem do campo, afastando-se como para evitar indagações indiscretas ou para elle ociosas, aponta-vos o caminho com este unico esclarecimento:

— *Por aqui se vae á Emboaçava...*

Guardei, todavia, o nome e o caminho, como se fôram uma valiosa aquisição para a historia e regresssei pelo alto dos campos a contemplar a belleza do horizonte de Piratininga, illuminado pelo sol da tarde.

Senti uma como que evocação do passado, ao dominar esse horizonte, cujo ambito os estabelecimentos portuguezes no primeiro seculo não ousaram ultrapassar. Divisei, então, naquellas montanhas distantes, que se apartam para deixar escapar ao rio classico das monções, uma porta symbolica ligando dois seculos que aquellas cumiadas azues parecem separar.

Não devemos transpôr aqui essa barreira dos seculos. Aquem della jaz o theatro dessa lenta elaboração que foi o periodo que acabamos de descrever; para deante está todo um seculo de audacias inauditas e de victorias obscuras de uma raça de gigantes. Mas fiquemos aqui; não seguiremos a *bandeira* que vae partir, engolphando-se no desconhecido.

S. Paulò, 19—3—1899.

THEODORO SAMPAIO.